

UNESP 2016 – 1ª Fase (Questões 37 a 41)

1. (Questão 37) O fato de ser a única monarquia na América levou os governantes do Império a apontarem o Brasil como um solitário no continente, cercado de potenciais inimigos. Temia-se o surgimento de uma grande república liderada por Buenos Aires, que poderia vir a ser um centro de atração sobre o problemático Rio Grande do Sul e o isolado Mato Grosso. Para o Império, a melhor garantia de que a Argentina não se tornaria uma ameaça concreta estava no fato de Paraguai e Uruguai serem países independentes, com governos livres da influência argentina.

(Francisco Doratioto. *A Guerra do Paraguai*, 1991.)

Segundo o texto, uma das preocupações da política externa brasileira para a região do Rio da Prata, durante o Segundo Reinado, era

- a) estimular a participação militar da Argentina na Tríplice Aliança.
- b) limitar a influência argentina e preservar a divisão política na área.
- c) facilitar a penetração e a influência política britânicas na área.
- d) impedir a autonomia política e o desenvolvimento econômico do Paraguai.
- e) integrar a economia brasileira às economias paraguaia e uruguaia.

2. (Questão 38) Entre os mecanismos que sustentavam o regime político da Primeira República brasileira, pode-se citar

- a) a Constituição, que restringia aos chamados homens bons o acesso aos principais postos dos poderes executivo e legislativo.
- b) a política de compromissos, que vinculava os sindicatos de trabalhadores urbanos ao Ministério do Trabalho.
- c) a política do café com leite, que proibia as candidaturas eleitorais de representantes dos estados do Sul e Nordeste.
- d) a política dos governadores, que articulava a ação do governo federal aos interesses das oligarquias locais.
- e) a reforma política, que eliminou o voto censitário e instituiu o sufrágio universal nas eleições parlamentares.

Leia o texto para responder às questões 39 e 40.

Enquanto os franceses e os britânicos tinham emergido da Primeira Guerra Mundial com um profundo trauma dos horrores da guerra e a convicção de que um novo conflito deveria, se possível, ser evitado, na Alemanha só ocorreria algo parecido depois da Segunda Guerra Mundial. Os acontecimentos de 1945 levaram a uma profunda mudança na cultura popular e política da parte ocidental da Alemanha. Aos olhos desses alemães, a extrema violência de 1945 fez da Segunda Guerra Mundial “a guerra para acabar com todas as guerras”.

(Richard Bessel. *Alemanha, 1945*, 2010. Adaptado.)

3. (Questão 39) Entre os fatos que poderiam confirmar a interpretação, oferecida pelo texto, sobre a atitude de franceses e britânicos depois da Primeira Guerra Mundial, pode-se incluir

- a) a participação em um organismo internacional para a mediação de conflitos e o pacifismo que marcou a reação da França e da Grã-Bretanha à ascensão do nazismo.
- b) o fim da corrida armamentista entre as potências do Ocidente e do Leste europeu e a eliminação dos arsenais alojados na Europa, na Ásia e no Norte da África.
- c) a repressão imediata e violenta, por França e Grã-Bretanha, a todos os projetos belicosos e autoritários que surgiram na Europa ao longo dos anos 1920 e 1930.
- d) o acordo para a constituição de uma polícia internacional, que vigiasse as movimentações militares das grandes potências e fosse coordenada por um país não europeu, os Estados Unidos.
- e) a liberação, pela França e pela Grã-Bretanha, no decorrer das décadas de 1920 e 1930, de todas as suas colônias, para evitar o surgimento de guerras de emancipação nacional.

4. (Questão 40) A mudança de mentalidade na Alemanha ocidental, ocorrida, segundo o texto, ao final da Segunda Guerra Mundial, envolveu, entre outros fatores,

- a) a decisão alemã de não voltar a se envolver em conflitos internacionais políticos ou diplomáticos.
- b) a neutralidade do país diante da Guerra Fria, que caracterizou a segunda metade do século XX.
- c) a desmobilização de todos os contingentes militares dentro e fora do país.
- d) a celebração das conquistas territoriais ocorridas no século XIX e princípio do XX.
- e) a rejeição do militarismo, que marcara o país desde a segunda metade do século XIX.

5. (Questão 41) Em março de 1988, o modelo sindical levado por Lindolfo Collor para o Ministério do Trabalho completou 57 anos de idade. Em todos estes anos foi olhado com suspeita pelos empresários e com bastante desconfiança pelos grupos socialistas, comunistas e pela esquerda em geral. Atribuía-se sua criação, na década de 30, à influência das doutrinas autoritárias e fascistas então na moda.

(Letícia Bicalho Canêdo. A classe operária vai ao sindicato, 1988.)

Entre as características do modelo citado no texto, sobressaíam

- a) o direito de greve e a valorização da luta de classes.
- b) a unicidade sindical por categoria e o corporativismo.
- c) a liberdade de organização sindical e a conscientização política dos trabalhadores.
- d) o predomínio de lideranças de esquerda e a autonomia de atuação dos sindicatos.
- e) o controle governamental e a sindicalização obrigatória dos trabalhadores.